

# As máscaras da colonização e as estratégias de resistência e descolonização no poema “Manuelzinho” de Elizabeth Bishop

3

Alex Santana Costa<sup>1</sup>  
Miguel Nenevé<sup>2</sup>

Universidade Federal de Rondônia

## Resumo:

Neste estudo, disponibilizamos uma análise pós-colonial do poema “Manuelzinho”, de autoria da poeta estadunidense Elizabeth Bishop. Como suporte teórico à referida análise, utilizamos cinco de suas cartas alusivas a esse poema e escritas no período de 1956 a 1970, bem como alguns pressupostos teóricos de críticos pós-coloniais tais como Frantz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, entre outros.

**Palavras-chave:** Cartas; Elizabeth Bishop; Manuelzinho; Poema; Pós-colonialismo.

## Abstract:

In this article, we present a post-colonial analysis of the poem “Manuelzinho” written by the North-American poet Elizabeth Bishop. To support this analysis, we investigated five of her letters alluding to this poem and that were written during the period from 1956 to 1970, as well as some theories of post-colonial critics such as Frantz Fanon, Aimé Césaire, Edward Said, Albert Memmi, among others.

**Keywords:** Elizabeth Bishop; Letters; Manuelzinho; Poem; Post-colonialism.

---

1 Mestre em Letras pela UNIR – Técnico em Assuntos Educacionais da Fundação Universidade Federal de Rondônia–UNIR – Coordenador do Programa Institucional de Bolsas e Trabalho Voluntário de Iniciação Científica – PIBIC/UNIR/CNPq. E-mail: alexsantana@unir.br.

2 Doutor em Letras (Inglês e Literaturas) pela UFSC, com pós-doutorado em Estudos de Tradução (York University) – Professor do Depto. de Línguas Estrangeiras Modernas da Fundação Universidade Federal de Rondônia–UNIR. E-mail: neneve@unir.br.

## Introdução

O presente artigo compõe a dissertação de mestrado intitulada “A arte de (des)colonizar: retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bihop” elaborada e orientada, respectivamente, pelos autores, como um dos requisitos à obtenção do título de mestre em Letras pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Começamos apresentando o poema Manuelzinho na versão original em língua inglesa e nossa tradução para a língua portuguesa, esclarecendo que as demais traduções constantes deste texto foram realizadas pelos autores em epígrafe.

4

Manuelzinho

[Brazil. A friend of the writer is speaking.]

Half squatter, half tenant (no rent) —  
 a sort of inheritance; white,  
 in your thirties now, and supposed  
 to supply me with vegetables,  
 but you don't; or you won't; or you can't  
 get the idea through your brain —  
 the world's worst gardener since Cain.  
 Tilted above me, your gardens  
 ravish my eyes. You edge  
 the beds of silver cabbages  
 with red carnations, and lettuces  
 mix with alyssum. And then  
 umbrella ants arrive,  
 or it rains for a solid week  
 and the whole thing's ruined again  
 and I buy you more pounds of seeds,  
 imported, guaranteed,  
 and eventually you bring me  
 a mystic three-legged carrot,  
 or a pumpkin “bigger than the baby”.

I watch you through the rain,  
 trotting, light, on bare feet,  
 up the steep paths you have made —  
 or your father and grandfather made —  
 all over my property,  
 with your head and back inside  
 a sodden burlap bag,  
 and feel I can't endure it  
 another minute; then,  
 indoors, beside the stove,  
 keep on reading a book.

You steal my telephone wires,  
 or someone does. You starve  
 your horse and yourself

Manuelzinho

[Brasil. Uma amiga da escritora está falando.]

Meio posseiro, meio inquilino (sem pagar alu-  
 guel) —  
 uma espécie de herança; branco,  
 agora com seus trinta anos de idade, e designado  
 a fornecer-me legumes,  
 mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz  
 de por isso na sua cabeça —  
 o pior jardineiro do mundo desde Caim.  
 Inclinação sobre mim, seus jardins  
 defloram meus olhos. Você orla  
 os canteiros de repolhos prateados  
 com cravos vermelhos, e alfaces  
 misturadas com escudinha. E então  
 as saúvas chegam,  
 ou chove uma semana inteira  
 e arruína tudo outra vez  
 e eu compro para você quilos de sementes,  
 importadas, com garantia,  
 e conseqüentemente você me traz  
 uma mística cenoura trípede,  
 ou uma abóbora “maior que um bebê”.

Vejo você na chuva,  
 caminhando rapidamente, iluminado, com pés  
 descalços,  
 ao longo dos caminhos íngremes que você tem  
 criado —  
 ou seu pai e avô criaram —  
 por toda a minha propriedade,  
 com sua cabeça e costas dentro  
 de um saco de estopa encharcado,  
 e sinto que não posso tolerar isso  
 sequer um minuto; então,  
 dentro de casa, ao lado do forno,  
 detenho-me na leitura de um livro.

Você rouba meus fios telefônicos,  
 Ou alguém o faz. Você passa fome  
 e faz seu cavalo passar fome,

and your dogs and family.  
Among endless variety,  
you eat boiled cabbage stalks.

And once I yelled at you  
so loud to hurry up  
and fetch me those potatoes  
your holey hat flew off,  
you jumped out of your clogs,  
leaving three objects arranged  
in a triangle at my feet,  
as if you'd been a gardener  
in a fairy tale all this time  
and at the word "potatoes"  
had vanished to take up your work  
of fairy prince somewhere.

The strangest things happen to you.  
Your cow eats a "poison grass"  
and drops dead on the spot.  
Nobody else's does.  
And then your father dies,  
a superior old man  
with a black plush hat, and a moustache  
like a white spread-eagled sea gull.  
The family gathers, but you,  
no, you "don't think he's dead!"  
I look at him. He's cold.  
They're burying him today.  
But you know, I don't think he's dead".  
I give you money for the funeral  
and you go and hire a bus  
for the delighted mourners,  
so I have to hand over some more  
and then have to hear you tell me  
you pray for me every night!

And then you come again,  
sniffing and shivering,  
hat in hand, with that wistful  
face, like a child's fistful  
of bluets or white violets,  
improvident as the dawn,  
and once more I provide  
for a shot of penicillin  
down at the pharmacy, or  
one more bottle of  
Electrical Baby Syrup.  
Or, briskly, you come to settle  
what we call our "accounts,"  
with two old copybooks,  
one with flowers on the cover,  
the other with a camel.  
Immediate confusion.  
You've left out the decimal points.  
Your columns stagger,  
honeycombed with zeros.

e seus cachorros e sua família.  
Em meio a uma variedade sem fim,  
Você come caule de repolho cozido.

E uma vez gritei com você  
tão alto para apressar-se  
e trazer-me aquelas batatas  
que seu chapéu furado voou,  
você saltou dos seus tamancos,  
deixando três objetos dispostos  
em um triângulo a meus pés,  
como se você fosse um jardineiro  
em um conto de fadas todo esse tempo  
que ao som da palavra "batatas"  
tivesse sumido para assumir seu trabalho  
de príncipe encantado em algum lugar.

As coisas mais estranhas acontecem com você.  
Sua vaca come "capim veneno"  
e cai morta.  
Nenhuma outra vaca morre.  
E então seu pai morre,  
Um velho excepcional (de alta classe)  
com um chapéu preto de luxo, e um bigode  
como uma gaivota branca com asas de águia.  
A família se reúne, exceto você,  
não, você diz "não acho que ele esteja morto!"  
Eu olho para ele. Ele está gelado.  
Eles vão sepultá-lo hoje.  
Mas você sabe que eu não acho que ele esteja morto."  
Eu dou dinheiro a você para o funeral  
e você vai e loca um ônibus  
para alegria dos enlutados,  
então eu tenho que te entregar mais dinheiro  
e em seguida tenho de ouvir você dizer-me  
que você ora por mim toda noite!

E então você vem novamente,  
fungando e tremendo de medo,  
chapéu na mão, com aquele  
rosto melancólico, como um punhado  
de violetas brancas de uma criança,  
imprudente como o nascer do sol,  
e mais uma vez eu custeio  
uma injeção de penicilina  
lá na farmácia, ou  
mais uma garrafa de  
Xarope Infantil Elétrico.  
Ou, rapidamente, você vem saldar / esclarecer  
o que nós chamamos de nossas "contas,"  
com dois cadernos velhos,  
um com flores na capa,  
o outro, com um camelo.  
Confusão imediata.  
Você tem omitido as vírgulas decimais.  
Suas colunas tortas,  
feito um favo de mel com zeros.

You whisper conspiratorially;  
the numbers mount to millions.  
Account books? They are Dream Books.  
In the kitchen we dream together  
how the meek shall inherit the earth —  
or several acres of mine.

With blue sugar bags on their heads,  
carrying your lunch,  
your children scuttle by me  
like little moles aboveground,  
or even crouch behind bushes  
as if I were out to shoot them!  
— Impossible to make friends,  
though each will grab at once  
for an orange or a piece of candy.

Twined in wisps of fog,  
I see you all up there  
along with Formoso, the donkey,  
who brays like a pump gone dry,  
then suddenly stops.  
— All just standing, staring  
off into fog and space.  
Or coming down at night,  
in silence, except for hoofs,  
in dim moonlight, the horse  
or Formoso stumbling after.  
Between us float a few  
big, soft, pale-blue,  
sluggish fireflies,  
the jellyfish of the air...

Patch upon patch upon patch,  
your wife keeps all of you covered.  
She has gone over and over  
(forearmed is forewarned)  
your pair of bright-blue pants  
with white thread, and these days  
your limbs are draped in blueprints.  
You paint — heaven knows why —  
the outside of the crown  
and brim of your straw hat.  
Perhaps to reflect the sun?  
Or perhaps when you were small,  
your mother said, “Manuelzinho,  
one thing: be sure you always  
paint your straw hat”.  
One was gold for a while,  
but the gold wore off, like plate.  
One was bright green. Unkindly,  
I called you Klorophyll Kid.  
My visitors thought it was funny.  
I apologize here and now.  
You helpless, foolish man,  
I love you all I can,  
I think. Or do I?

Você sussurra conspiratoriamente;  
os números chegam a milhões.  
Livros de cálculo? Eles são Livros dos Sonhos.  
Na cozinha sonhamos juntos  
Sobre como o manso possuirá a terra —  
ou muitos hectares da minha.

Com sacos de açúcar azul sobre suas cabeças,  
carregando seu almoço,  
suas crianças fogem de mim  
feito toupeirinhas fora da toca,  
ou ainda se escondem atrás do mato  
como se eu fosse sair para atirar nelas!  
— Impossível fazer amizade com elas,  
embora cada uma pegará imediatamente  
uma laranja ou um pedaço de bombom.

Trançado em fiapos de névoa,  
Vejo todos vocês lá do alto  
na companhia de Formoso, o burro,  
que zurra feito uma bomba em poço seco,  
em seguida, para rapidamente.  
— Todos em pé, olhares perdidos  
em direção à névoa e ao espaço.  
Ou descendo à noite,  
em silêncio, exceto os cascos,  
em vago luar, o cavalo  
ou Formoso tropeçando em seguida.  
Entre nós flutuam um pouco  
grandes, suaves, azuis-claros,  
preguiçosos vaga-lumes,  
as águas-vivas do ar...

Remendo sobre remendo sobre remendo,  
sua esposa mantém todos vocês vestidos.  
Ela tem remendado várias vezes  
(melhor prevenir que remediar)  
suas calças azul-brilhante  
com linha branca, e recentemente  
seus membros estão adornados em cópias heliográficas.  
Você pinta — Só Deus sabe o porquê —  
o lado de fora do topo  
e da aba do seu chapéu de palha.  
Talvez para refletir o sol?  
Ou talvez quando você era garoto,  
sua mãe dizia, “Manuelzinho,  
não esqueça: esteja certo de que você sempre  
deve pintar seu chapéu de palha”.  
Um foi dourado por uns tempos,  
mas o ouro desgastou, como o troféu.  
O outro era verde-vivo. Cruelmente,  
Eu chamei você de Kid Klorofila.  
Meus hóspedes acharam engraçado.  
Peço desculpas agora mesmo.

Seu fraco, seu estúpido,  
Eu te amo o máximo que eu posso,  
Eu acho. Ou amo mesmo?

I take off my hat, unpainted  
and figurative, to you.  
Again I promise to try.

Tiro meu chapéu, sem tinta  
e metafórico, para você.  
Novamente, prometo tentar.

(BISHOP: 1999, p.110; 112; 114; 116;  
118; 120)

Tendo em vista que o objeto da presente análise é um poema elaborado por uma escritora estadunidense, um dos maiores nomes da poesia norte-americana do Século XX, propomos transpor o âmbito da estética e da arte pela arte, com vistas a investigar a presença de discursos imperialistas latentes ou sutilmente explícitos em seus versos.

Para subsidiar nossa análise pós-colonial, utilizaremos algumas cartas alusivas ao poema em questão, enviadas por Bishop a destinatários brasileiros e estrangeiros, com o intuito de compreender que fatores, à época, influenciaram o teor do seu discurso.

7

### **Análise pós-colonial**

Neste poema, Elizabeth Bishop transfere seu olhar da natureza para direcioná-lo ao ser humano, Manuelzinho, homem simples que morava de favor junto com sua família no sítio de Lota (identificada no poema como uma amiga da poeta), em Petrópolis. De acordo com Britto, eles “não eram propriamente empregados da proprietária, mas como viviam de favor em sua terra, prestavam-lhe pequenos serviços” (BISHOP, 1999, p.19).

A poeta estadunidense utiliza a fala de sua amiga (uma brasileira tão colonizadora quanto a própria poeta) como uma espécie de máscara, a ser utilizada como recurso de colonização explícita, para poder pela primeira vez extravasar de modo claro num poema “os sentimentos contraditórios” que lhe inspira o “atraso” brasileiro. Trata-se de uma mistura de apreço, afeto, condescendência e irritação, conforme exemplifica Albert Memmi no que concerne à construção da figura do colonizado pelo colonizador. Sem dúvida, o componente mais intenso é a irritação (BISHOP, 1999, p.20).

Manuelzinho é o protótipo do “primitivo”. Tudo o que ele faz, faz errado; se sobrevive, é graças a sua patroa e protetora, que alternadamente lhe dá dinheiro e lhe passa descomposturas, que ao mesmo tempo o despreza e sente-se culpada por desprezar um homem tão inofensivo: Seu

tonto, seu incapaz, gosto de você demais, eu acho. Mas gosto mesmo? (BISHOP, 1999, p.20)

Por meio da carta enviada à May Swenson no dia 27 de janeiro de 1956, Bishop diz que a “New Yorker aceitou um poema bastante longo [“Manuelzinho”] – para grande surpresa minha, foi decerto algo impraticável para eles”. Um detalhe importante nesta correspondência é a própria poeta revelar que “Supõe-se ser Lota falando, e eu realmente espero que você goste dele” (BISHOP, 1994, p.315 [Tradução nossa]). Assim sendo, como “supor” não é o mesmo que “ser”, infere-se que Bishop pretende se utilizar de Lota como escudo.

A máscara utilizada por Bishop para pintar o retrato do posseiro apenas embasa a nossa ideia de que a colonização tem múltiplas facetas e que o leitor precisa estar consciente ou ser conscientizado a respeito disso para que seja possível criar estratégias de descolonização:

8

[Brasil. Uma amiga da escritora está falando.]  
Meio posseiro, meio inquilino (sem pagar aluguel) — /  
uma espécie de herança; branco, / agora com seus trinta  
anos de idade, e designado / a fornecer-me legumes, /  
mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por  
isso na sua cabeça — / o pior jardineiro do mundo desde  
Caim. (BISHOP, 1999, p.110)

Talvez esse subterfúgio (a máscara) utilizado pela poeta norte-americana seja indício de que ela não estava inconsciente acerca da sua visão e atitude frente as complexidades do Brasil. Certamente, Bishop estava ciente de que denegrir implicitamente a pessoa do brasileiro seria muito mais grave que desdenhar dos cenários.

Trajando a máscara, Bishop descreve Manuelzinho (o colonizado) como seu fornecedor de legumes, tratando-o como seu servo. Porém, não imaginava que o posseiro não estava interessado em lhe servir: “mas você não o faz; ou não fará; ou não é capaz de por isso na sua cabeça — / o pior jardineiro do mundo desde Caim”. Fazendo alusão ao Caim da Bíblia Sagrada, Bishop retrata Manuelzinho como um ser humano egoísta, ingrato, avarento e invejoso.

Ao leitor, resta imaginar que Lota Macedo Soares, a Lota (companheira de Bishop) seria Abel (irmão de Caim), enquanto a poeta norte-americana seria a própria figura divina, a quem Caim (na figura

de Manuelzinho) deveria servir com o que há de melhor para poder ser abençoado:

Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz a Caim; então, disse: Adquiri um varão com o auxílio do SENHOR. / Depois, deu à luz a Abel, seu irmão. Abel foi pastor de ovelhas, e Caim, lavrador. Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. / Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta; / ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou. Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante. (*BÍBLIA SAGRADA*, 1993, p.5 – “Gênesis” 4:1-5)

9

O complexo de superioridade de Bishop ganha forma neste trecho do poema. Essa visão de que o colonizado, por “inocência” e/ou por “irracionalidade”, não sabe lidar com as riquezas de que dispõe, é puramente colonizadora:

Inclinados sobre mim, seus jardins / defloram meus olhos. Você orla / os canteiros de repolhos prateados / com cravos vermelhos, e alfaces / misturadas com escudinha. E então / as saúvas chegam, / ou chove uma semana inteira / e arruína tudo outra vez. (BISHOP, 1999, p.110)

O que a poeta ignora é o fato de Manuelzinho estar agindo dessa forma com vistas a resistir à colonização que ela tenta impor sobre ele. Por causa dessa resistência implícita, Bishop não hesita em estereotipá-lo ainda mais:

Você rouba meus fios telefônicos, / Ou alguém o faz. Você passa fome / e faz seu cavalo passar fome, / e seus cachorros e sua família. / Em meio a uma variedade sem fim, / Você come caule de repolho cozido. [...] / E uma vez gritei com você / tão alto para apressar-se / e trazer-me aquelas batatas / que seu chapéu furado voou, / você saltou dos seus tamancos, (BISHOP, 1999, p112)

Em uma carta endereçada à Frani Blough Muser, datada de 1970, ocasião do Dia de São Valentino, Bishop revela o que para ela é característica inerente a Manuelzinho, o empregado/inquilino de Samambaia:

De fato eu tinha uma Linda luminária acima da porta frontal – a aproximadamente três metros de altura – e que durou quase um mês. Certa manhã, ela se foi, com a

fição e tudo – só restou um buraco. [...] É curioso – este lugar é tão diferente de Petrópolis. Morei lá por mais de 15 anos – e fui roubada apenas uma vez, e pensando nisso, aquele ladrão era *Mineiro* – que prova alguma coisa<sup>3</sup>. (BISHOP, 1994, p.512-513)

Para elucidar essa visão colonizadora, demonstrada pela poeta norte-americana, podemos citar Said quando este diz que

há os Ocidentais, e há os Orientais. Os primeiros dominam; os últimos devem ser dominados... O crime era que o Oriental era um Oriental... A outra característica das relações entre europeu e oriental era que a Europa estava sempre em uma posição de força, para não dizer de dominação (...) Muitos termos foram usados para expressar a relação: Balfour e Cromer, tipicamente, usavam muitos. O Oriental é irracional, depravado, inocente, ‘diferente’; por outro lado, o Europeu é racional, virtuoso, maduro, ‘normal’. (1990, p. 36;39-40)

Pensando como o tunisiano Albert Memmi, que expõe sobre o olhar do colonizador ao incomodar-se com suposta “falta de anseios do colonizado, sua inaptidão para o conforto, para a ciência, para o progresso, sua espantosa familiaridade com a pobreza”<sup>4</sup> (MEMMI, 1965, p.83), podemos afirmar que a perspectiva de Bishop sobre Manuelzinho reflete a imagem que o colonizador tem do colonizado; sendo que para o primeiro, o segundo não tem qualidades, visto ser do ímpeto do colonizador enfatizar que o colonizado seja um conformado, e que, por isso, não sente necessidade de obter uma vida confortável.

Por sua vez, o caribenho e estudioso pós-colonial, Aimé Césaire, alerta-nos sobre como subverter a nossa condição imposta de civilização submissa, propondo uma atitude crítica frente a quaisquer tentativas de colonização utilizadas pelo colonizador, como, por exemplo, acreditar que apenas com a “ajuda” do colonizador conseguiremos resolver os problemas mais cruciais da nossa sociedade: “Uma civilização que prova

3 “To Frani Blough Muser – St. Valentine’s Day, 1970.

I had a really beautiful lantern over the front door – about ten feet up – and that lasted almost a month. One morning it was gone, with wiring and all – just a hole. [...] It’s queer – this place is so very different from Petrópolis. I lived there mostly for over 15 years – and I was robbed just once, and come to think of it, that thief was a *Mineiro* – which proves something” (BISHOP, 1994, p.512-513).

4 “It is the same for the colonized’s lack of desires, his ineptitude for comfort, science, progress, his astonishing familiarity with poverty” (MEMMI, 1965, p.83).

ser incapaz de resolver seus problemas é uma civilização decadente... Uma civilização que opta por fechar seus olhos aos problemas mais cruciais é uma civilização acometida<sup>5</sup>” (CÉSAIRE, 1972, p.9).

Retomando os pressupostos teóricos do escritor pós-colonial Albert Memmi, ressaltamos que na relação colonial pode haver também uma troca de interesses entre colonizador e colonizado; na grande maioria dos casos, com o colonizador se sobressaindo. Memmi ilustra também que o colonizador vê o colonizado como um fraco, um coitado que necessita de “proteção”:

Quando o colonizador afirma, em sua linguagem, que o colonizado é um débil, sugere com isso que tal deficiência reclama proteção. Daí, sem rir – escutei-o frequentemente – a noção de protetorado. É do próprio interesse do colonizado ser excluído das funções de direção; e que essas pesadas responsabilidades sejam reservadas ao colonizador. Quando o colonizador acrescenta, para não cair na solicitude, que o colonizado é um retardado perverso, de maus instintos, ladrão, um pouco sádico, legitima sua polícia e sua justa severidade. (MEMMI, 1989, p.79)

Com base na reflexão de Memmi, podemos argumentar que Bishop enxergava Manuelzinho partindo da perspectiva de Lota. Para a poeta, ele era um inútil, desprovido de inteligência. Mas sua figura simples também causava em Bishop, no mínimo, desconforto pelo fato de estar humilhando um homem aparentemente tão inofensivo:

Seu fraco, seu estúpido, / Eu te amo o máximo que eu posso, / Eu acho. Ou amo mesmo? / Tiro meu chapéu, sem tinta / e metafórico, para você. / Novamente, prometo tentar (BISHOP, 1999, p.120)

Parafraseando Fanon, cremos que Elizabeth comporta-se (in) conscientemente frente as atitudes de Manuelzinho não “como uma mãe doce e bondosa que protege seu filho contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo momento impede um filho fundamentalmente perverso de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos.” Visto que a “mãe colonial defende o filho contra ele mesmo, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, sua

<sup>5</sup> “A civilization that proves incapable of solving the problems it creates is a decadent civilization... A civilization that chooses to close its eyes to its most crucial problems is a stricken civilization” (CÉSAIRE, 1972, p.9).

infelicidade ontológica” (FANON, 1979, p.175).

Em se tratando da troca de interesses entre colonizador e colonizado, observada por Memmi (1989), Bishop, nos versos a seguir do poema em tela, denuncia a astúcia do posseiro quando lhe é conveniente, sugerindo que propositalmente faz anotações equivocadas de seu saldo devedor no caderno de débitos que possui junto a sua patroa. Isto remete ao que ocorria com muitos seringueiros durante os ciclos da borracha ocorridos na Amazônia, chegando a “adquirir” dívidas surreais com os proprietários de seringais, de acordo com a contabilidade destes:

12

E então você vem novamente, / fungando e tremendo de medo, / chapéu na mão, com aquele / rosto melancólico, como um punhado / de violetas brancas de uma criança, / imprudente como o nascer do sol, / e mais uma vez eu custeio / uma injeção de penicilina / lá na farmácia, ou / mais uma garrafa de /Xarope Infantil Elétrico. / Ou, rapidamente, você vem saldar / o que nós chamamos de nossas “contas”, / com dois cadernos velhos, [...] confusão imediata. / Você tem omitido as vírgulas decimais. Suas colunas tortas, / feito um favo de mel com zeros. / Você sussurra conspiratoriamente; / os números chegam a milhões. / Livros de cálculo? Eles são Livros dos Sonhos. / Na cozinha sonhamos juntos / Sobre como o manso herdará a terra – / ou muitos hectares da minha (BISHOP, 1999, p.114;116).

Em sequência, a poeta norte-americana apresenta ainda uma breve lista de produtos custeados por ela a Manuelzinho, que, aos seus olhos, é um ingrato e oportunista. Além disso, utiliza ironicamente trecho da passagem bíblica “Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz. [...] O ímpio maquina contra o justo, e contra ele range os dentes” (*BÍBLIA SAGRADA*, 1993, p.394 – “Salmos” 37:11-12), para sugerir que o jardineiro está à espreita de roubar-lhe “muitos hectares” da sua terra. Se considerarmos que Bishop conhecia por completo esses versículos do livro de Salmos, certamente assumiria o papel do justo, ao passo que Manuelzinho seria o ímpio.

É evidente que Bishop ignora o mundo de Manuelzinho, bem como sua forma de vida; desrespeitando seus sentimentos e extraíndo

dele os aspectos mais negativos, como se tentasse justificar que sua vida era miserável porque era o mínimo que um país como o Brasil poderia oferecer a uma pessoa que para ela era o retrato do atraso brasileiro:

As coisas mais estranhas acontecem com você. / Sua vaca come “capim veneno” / e cai morta. / Nenhuma outra vaca morre. / E então seu pai morre, / [...] Eu dou dinheiro a você para o funeral / e você vai e loca um ônibus / para alegria dos enlutados, / então eu tenho que te entregar mais dinheiro / e em seguida tenho de ouvir você dizer-me / que você ora por mim toda noite! (BISHOP, 1999, p.114)

13

No entanto, ratificamos que Elizabeth não conseguia perceber que esse comportamento do jardineiro era, na verdade, uma estratégia de resistência à vida humilhante de servidão que ela e/ou Lota estava tentando impor sobre ele:

E uma vez gritei com você / tão alto para apressar-se / e trazer-me aquelas batatas / que seu chapéu furado voou, / você saltou dos seus tamancos, / deixando três objetos dispostos / em um triângulo a meus pés, / como se fosse um jardineiro / em um conto de fadas todo esse tempo / que ao som da palavra “batatas” / tivesse sumido para assumir seu trabalho / de príncipe encantado em algum lugar. (BISHOP, 1999, p.112)

Aqui, acreditamos ser necessária uma crítica à postura colonizadora de Bishop em relação a Manuelzinho, uma vez que o discurso da poeta não aponta apenas a pessoa do Manuelzinho, mas o povo brasileiro de uma forma geral, representado pela figura do posseiro. Seria uma espécie de reinterpretação do discurso colonial, com a finalidade de descolonizar a mente dos leitores; promovendo transformações na forma como eles interpretam obras do cânone europeu, uma vez que, de acordo com Dussel, em *O encobrimento do outro*,

A “conquista” é um processo militar, prático, violento que inclui dialeticamente o Outro como o “si-mesmo”. O Outro, em sua distinção, é negado como Outro e é sujeitado, subsumido, alienado a se incorporar à Totalidade dominadora como coisa, como instrumento, como oprimido, como “encomendado”, como “assalariado” (nas futuras fazendas), ou como africano escravo (nos engenhos de açúcar ou outros produtos tropicais). A subjetividade do “conquistador”, por seu

lado, foi se constituindo, desdobrando lentamente na práxis. (DUSSEL: 1993, p. 44)

Por sua vez, Thomas Bonnici acredita que a “reinterpretação de obras do cânone europeu” seja a primeira estratégia de descolonização. Como, por exemplo, “a relação entre Próspero e Calibã”, que

é considerada o paradigma das relações centro-margem ou a realidade pós-colonial. Enquanto a dominação da realidade, a linguagem, a arrogância e a posse de território alheio executadas por Próspero são metáforas do domínio colonizador, a submissão forçada, o castigo, a rebeldia e o uso da linguagem para amaldiçoar pertencem ao colonizado Calibã. (BONNICI, 2000, p.23)

14

Próspero, figura do colonizador na obra *The Tempest*, de Shakespeare, é incorporado por Bishop no poema em epígrafe, ao passo que Calibã é representado, mesmo que de forma muito mais passiva, por Manuelzinho. Nessa obra de Shakespeare, o colonizado tem voz e tenta de todas as formas se libertar da presença e domínio do colonizador. Muito diferente de Manuelzinho, que sequer tem voz para tentar lutar contra a colonização. No entanto, por meio das irritações de Bishop com relação às atitudes dele, o leitor pode chegar à conclusão de que o posseiro também se utilizava de suas ferramentas de descolonização.

É justamente a respeito de uma leitura mais crítica de “Manuelzinho” realizada por algum crítico literário que Bishop demonstra certo incômodo e tenta prestar esclarecimentos aos seus amigos U.T. e Joseph Summers, em uma carta enviada de Nova York, datada de 20 de outubro de 1967:

Eu gostaria de saber quem foi o crítico que se equivocou na compreensão de “Manuelzinho” – mas eu já fui muito acusada desse tipo de coisa, particularmente na época da consciência-social – “Cootchie,” etc., eram considerados “condescendentes,” ou era porque eu vivia em um mundo (eu era obviamente MUITO RICA) onde as pessoas tinham Empregados, imagine, e outras coisas. Na verdade, os brasileiros gostam demais do “Manuelzinho”. Eu tive vários amigos que leem inglês que me dizem: “Meu Deus (ou Nossa Senhora), é exatamente daquele jeito.” E esse é o motivo pelo qual é

supostamente Lota quem está falando isso...<sup>6</sup> (BISHOP, 1994, p.479)

Tendo em vista que um poema pode despertar naturalmente leituras e compreensões distintas, nesta carta, observa-se um traço de imaturidade intelectual de Bishop, quando afirma que “o crítico se equivocou na compreensão de ‘Manuelzinho’”. Com vistas a tentar subsidiar seu ponto de vista, a poeta estadunidense expõe que vários amigos “brasileiros gostam demais do ‘Manuelzinho’”, afirmando que “é exatamente daquele jeito”, utilizando, inclusive, a “máscara da Lota”, como se esta fosse de fato a narradora do poema.

Na verdade, como ressaltamos anteriormente, citando Nenevé e Proença (2001), muitos brasileiros que residem nas grandes metrópoles do sul e sudeste do Brasil corroboram esse jargão colonialista de que na Amazônia, por exemplo, “é tudo desse jeito, feio e inóspito”, ou “isso não muda nunca nessa terra de selvagens”.

Enquanto residentes há décadas na Amazônia, sentimo-nos mais um “Manuelzinho” afetado constantemente por discursos dessa natureza; seja pela mídia ou pela própria literatura, que lançam olhares pessimistas sobre o futuro dessa região, atribuindo a ela um papel de mantenedora do progresso das grandes metrópoles através de seus recursos naturais, como, por exemplo, o potencial hidrelétrico de seus rios que garantirão o conforto e a boa vida na “cidade grande”.

Contra essas “Lotas e Elizabeths brasileiras” deve estar a prática contradiscursiva do “Manuelzinho” de *Born in Amazonia*<sup>7</sup>, do poeta Cyril Dabydeen, “Uma criatura que não esmorecerá; / a árvore que permanecerá sempre estática, / a voz que continuará a ser um grito<sup>8</sup>” (DABYDEEN, 1995, p.35).

6 “To U.T. and JosephSummers – 61 Perry Street – New York City – October 20, 1967

I wonder who the reviewer was who misunderstood “Manuelzinho” so – but then I’ve been accused of that kind of thing a lot, particularly in the social-conscious days – “Cootchie,” etc., were found “condescending,” or I lived in a world (I was obviously VERY RICH) where people had Servants, imagine, and so on. Actually, Brazilians like “Manuelzinho” very much. I’ve had several English-reading friends tell me, ‘My God (or Our Lady), it’s *exactly* like that.’ And that’s why Lota is supposed to be saying it...” (BISHOP, 1994, p.479)

7 Nascido na Amazônia.

8 “A creature that won’t come down; / the tree that will always remain motionless, / the voice that will continually be a scream” (DABYDEEN, 1995, p.35).

**BIBLIOGRAFIA**

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. 2 ed.

BISHOP, Elizabeth. *Poemas do Brasil*; seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*. Org. Robert Giroux, trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *One Art: Elizabeth Bishop's Letters*. Seleção e edição de Robert Giroux. New York: Farrar, Straus and Giroux-FSG, 1994.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2000.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad. Anísio Garcez Homem. Letras Contemporâneas, 2010.

\_\_\_\_\_. *Discourse on Colonialism*. Trad. Joan Pinkham. New York and London: Monthly Review Press, 1972.

DABYDEEN, Cyril. *Born in Amazonia*. Oakville, Ontario and Buffalo, New York: Mosaic Press, 1995.

DUSSEL, Enrique. *1492: O encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade: Conferências de Frankfurt*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FANON, Frantz. *The wretched of the earth*. Prefácio de J. P. Sartre. London: Penguin Books, 1963.

\_\_\_\_\_. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, 2 ed.

MARTIN H., Manser & NIGEL D., Turton. *The Wordsworth Advanced Learners' Dictionary*. Crib Street, Ware, Hertfordshire: Wordsworth Reference, 1998.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, 3 ed.

\_\_\_\_\_. *The colonizer and the colonized*. Orion Press, 1965, Inc.

NENEVÉ, Miguel; COOPER, Martin; PROENÇA, Marilene: *Olhares sobre a Amazônia / Looking at the Amazon*. São Paulo: Terceira Margem, 2001.

SAID, Edward W. *Orientalism*. New York: Vintage, 1979.

\_\_\_\_\_. *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.